

A África tem tudo o que é necessário para se tornar um continente poderoso, moderno e industrializado | Carta semanal 40 (2023)



Wu Fang (China), 行走 [Jornada], 2017.

Queridas amigas e amigos,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Em seu livro de 1963, *Africa Must Unite*, Kwame Nkrumah, o primeiro presidente de Gana, escreveu: “Temos aqui, na África, tudo o que é necessário para nos tornarmos um continente poderoso, moderno e industrializado. Pesquisadores das Nações Unidas mostraram recentemente que a África, longe de ter recursos inadequados, provavelmente está mais bem equipada para a industrialização do que quase qualquer outra região do mundo”. Nesse caso, Nkrumah estava se referindo ao *Special Study on Economic Conditions and Development, Non-Self-Governing Territories* [Estudo sobre condições econômicas e desenvolvimento, territórios não autogovernados] (Nações Unidas, 1958), que detalhava os imensos recursos naturais do continente. “A verdadeira explicação para a lentidão do desenvolvimento industrial na África”, escreveu Nkrumah “está nas políticas do período colonial. Praticamente todos os nossos recursos naturais, para não mencionar o comércio, a navegação, os bancos, a construção e assim por diante, caíram e permaneceram nas mãos de estrangeiros que buscam enriquecer investidores e impedir a iniciativa econômica local”. Nkrumah ampliou ainda mais essa visão em seu notável livro, *Neo-Colonialism: the Last Stage of Imperialism* [Neocolonialismo, o último estágio do imperialismo] (1965).

Como líder do governo de Gana, Nkrumah elaborou uma política para reverter essa tendência, promovendo a educação pública (com ênfase em ciência e tecnologia), construindo um setor público robusto para fornecer infraestrutura ao país (incluindo eletricidade, estradas e ferrovias) e desenvolvendo um setor industrial que agregaria valor às matérias-primas que antes eram exportadas a preços baixos. No entanto, esse projeto fracassaria se fosse testado apenas em um país. É por isso que Nkrumah foi um grande defensor da unidade africana, articulada longamente em seu livro *Africa Must Unite* [A África deve se unir] (1963). Foi por causa de sua determinação que os países africanos formaram a Organização da Unidade Africana (OUA) no mesmo ano em que seu livro foi publicado. Em 1999, a OUA tornou-se a União Africana.

Enquanto Gana e África davam pequenos passos para estabelecer a soberania nacional e continental, algumas pessoas tinham outras ideias. Nkrumah foi destituído do cargo em um golpe apoiado pelo Ocidente, em 1966, cinco anos depois que Patrice Lumumba foi expulso do cargo de primeiro-ministro da República Democrática do Congo e depois assassinado. Qualquer um que quisesse construir um projeto para a soberania do continente e a dignidade do povo africano seria deposto, morto ou ambos.

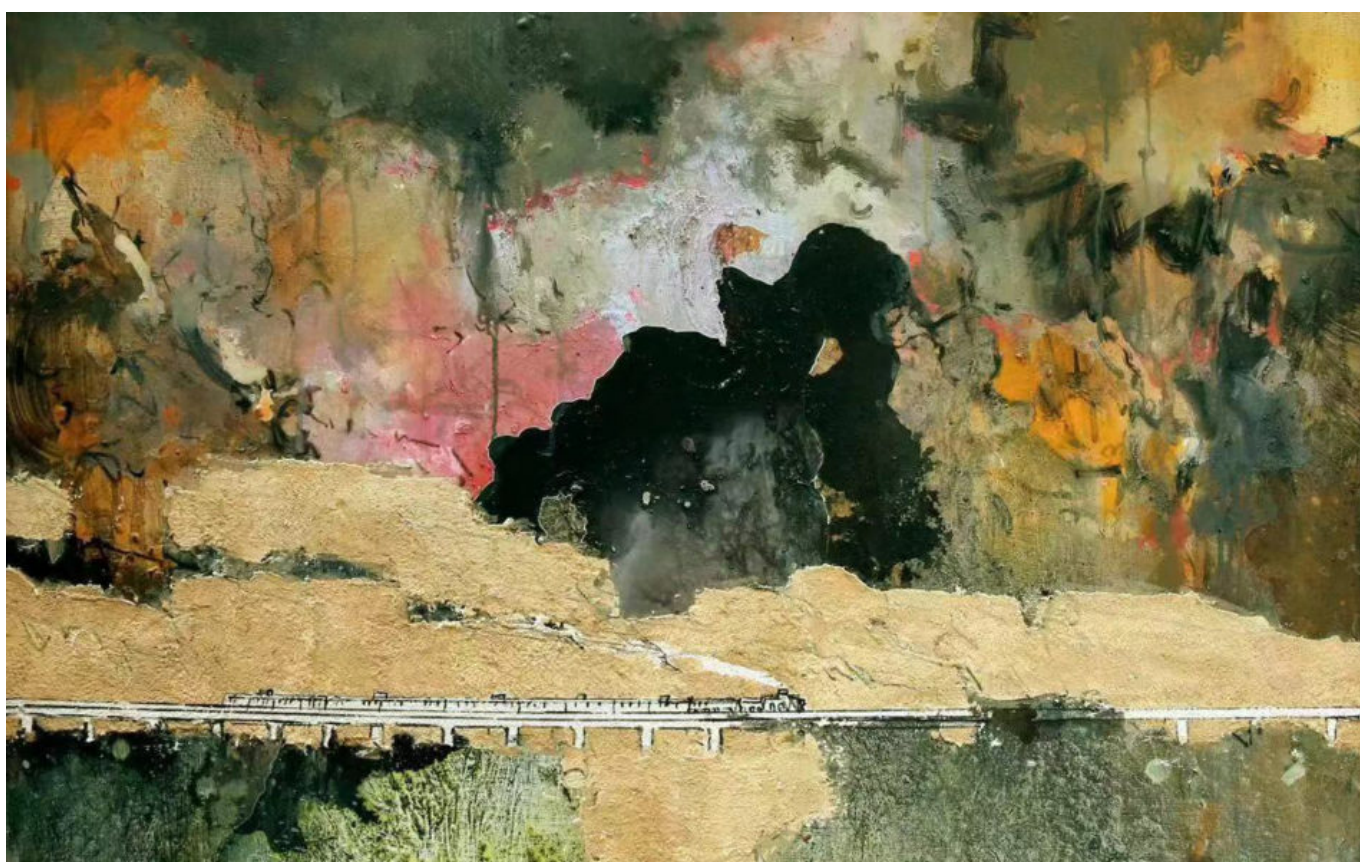


Guo Hongwu (China), 革命友谊深如海 [A amizade revolucionária é tão profunda quanto o oceano], 1975.

Os governos apoiados pelo Ocidente que se seguiram a esses golpes geralmente reverteram as políticas para exercer a soberania nacional e construir a unidade continental. Por exemplo, em 1966, os líderes militares do Conselho de Libertação Nacional de Gana começaram a criar uma política para estabelecer uma educação pública de qualidade e um setor público eficiente com a industrialização e o comércio continental em seu centro. As políticas de substituição de importações, que haviam sido importantes para os novos países do Terceiro Mundo, foram rejeitadas em favor da exportação de matérias-primas baratas e da importação de produtos agregados caros. A espiral de **dívida** e **dependência** assolou o continente. Essa situação foi agravada pelos Programas de Ajuste Estrutural do Fundo Monetário Internacional, colocados em prática durante a pior crise da dívida da década de 1980. Uma pesquisa **de 2009** do South Centre observou que “o continente é a região menos industrializada do mundo, enquanto a participação da África Subsaariana no valor agregado global de manufatura na verdade diminuiu na maioria dos setores entre 1990 e 2000”. De fato, o documento do South Centre se referiu à situação na África como sendo de “desindustrialização”.

Em abril de 1980, os líderes africanos se reuniram em Lagos, na Nigéria, sob a égide da OUA, para deliberar sobre o clima adverso criado pelos Programas de Ajuste Estrutural do FMI, que visavam suas políticas fiscais, mas não fizeram nada para mudar os mercados de crédito internacionais desastrosos. Dessa reunião surgiu o Plano de Ação de Lagos (1980-2000), cujo principal argumento era que os Estados africanos estabelecessem sua soberania em relação ao capital internacional e criassem políticas industriais para seus países e para o continente. Isso foi, em essência, uma renovação da política de Nkrumah da década de 1960. Juntamente com o Plano de Ação de Lagos, as Nações Unidas estabeleceram a Década de Desenvolvimento Industrial para a África (1980-1990). No final daquela década, em 1989, a OUA – ciente do fracasso da política devido ao

aprofundamento das abordagens neoliberais que reduziram os orçamentos e intensificaram o roubo de recursos africanos voltado para a exportação – trabalhou com as Nações Unidas para **estabelecer** o dia 20 de novembro como o Dia da Industrialização da África. O fracasso da Década do Desenvolvimento Industrial para a África foi seguido por uma segunda década (1993-2002) e depois uma terceira (2016-2025). Em janeiro de 2015, a União Africana **adotou a** Agenda 2063 para combinar o imperativo da industrialização com o compromisso da África com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Essas “décadas” e a Agenda 2063 tornaram-se meramente simbólicas. Não há uma agenda para eliminar a dívida externa e o ônus do serviço da dívida, nem uma política para criar um clima para promover o desenvolvimento industrial ou financiar o atendimento às necessidades básicas.



Pan Jianglong (China), 撒哈拉以东 [Ao leste do Saara], 2017.

No Diálogo de Líderes China-África, realizado paralelamente à 15ª cúpula do BRICS (Brasil-Rússia-Índia-China-África do Sul), em Joanesburgo, a China **lançou a Iniciativa de Apoio à Industrialização da África** “para apoiar a África no crescimento de seu setor de manufatura e na realização da industrialização e da diversificação econômica”. O governo chinês se comprometeu a aumentar seu financiamento para construir infraestrutura, projetar e criar parques industriais e ajudar os governos e as empresas africanas a desenvolverem suas políticas e setores industriais. Essa nova iniciativa se baseará nos compromissos assumidos pela China na **Cúpula de Pequim do Fórum de Cooperação China-África** para fortalecer a infraestrutura no continente, compartilhar suas próprias experiências com a industrialização e apoiar um projeto de desenvolvimento que surja da experiência africana, em vez de ser imposto aos Estados africanos pelo FMI ou por outras agências.

Nesta semana, o Instituto Tricontinental de Pesquisa Social e o **Dongsheng** lançaram o terceiro número da edição internacional da revista *Wenhua Zongheng* (文化纵横), intitulado **Relações China-África na era do Cinturão e Rota**. Essa edição apresenta três artigos, escritos por Grieve Chelwa, Zhou Jinyan e Tang Xiaoyang. O professor Zhou, em consonância com o relatório do South Centre, observa que “os países africanos foram essencialmente desindustrializados” desde a década de 1980 e que o crescimento que os países do continente tiveram foi consequência dos altos preços das matérias-primas exportadas. Ela ressalta que os países ocidentais – que oferecem dívida, ajuda e ajuste estrutural – “não estão motivados a promover a industrialização da África”. Baseando-se fortemente na Comissão Econômica das Nações Unidas para a África e analisando as políticas industriais da maioria dos países africanos, o professor Zhou destaca quatro pontos importantes: em primeiro lugar, o Estado deve desempenhar um papel ativo em qualquer desenvolvimento industrial; em segundo, a industrialização deve ocorrer em nível regional e continental, e não somente dentro dos Estados africanos, já que 86% do comércio total da África ainda é realizado com outras regiões do mundo, e não dentro do continente; em terceiro lugar, a urbanização e a industrialização devem ser coordenadas para que as cidades do continente não continuem a se transformar em grandes favelas repletas de jovens sem emprego; e, em quarto e último lugar, a manufatura será o motor do desenvolvimento econômico africano, e não a fantasia do crescimento liderado pelo setor de serviços.

Esses pontos orientam a avaliação do professor Zhou sobre como a China pode apoiar o processo de industrialização da África. Ao compartilhar suas experiências com os países africanos, ela observa que “os fracassos da China” são tão importantes quanto seus sucessos.

WENHUA ZONGHENG

Quarterly Journal of Chinese Thought



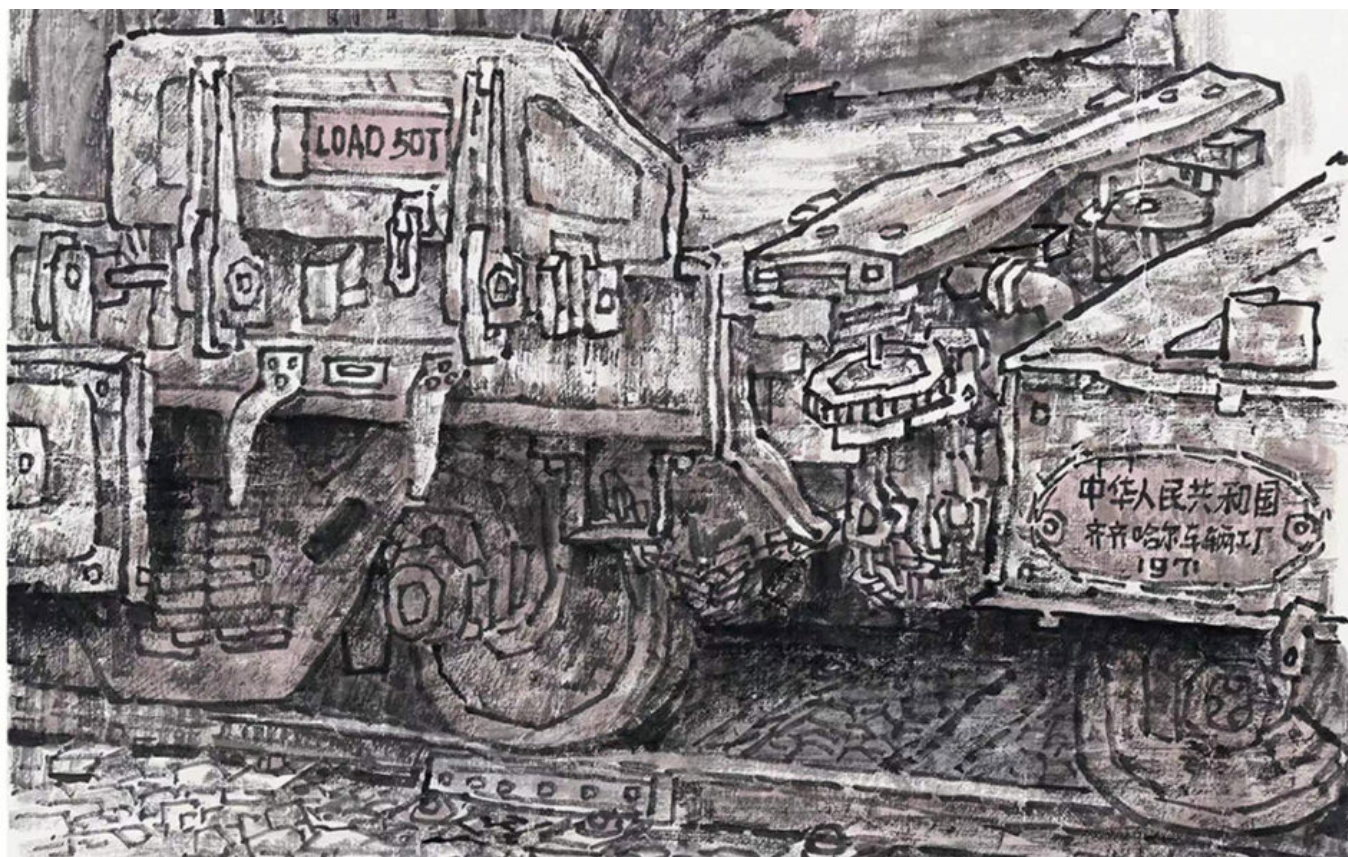
October 2023 | Vol. 1, No. 3

**China-Africa Relations in the
Belt and Road Era**

Em seu ensaio, o professor Tang acompanha o histórico da Iniciativa de Cinturão e Rota (ICR) no continente, liderada pela China. Criada em 2013, a ICR tem apenas uma década de existência, o que mal dá tempo suficiente para avaliar completamente este enorme projeto global de desenvolvimento industrial e de infraestrutura. No segundo Fórum do Cinturão e Rota para a Cooperação Internacional (abril de 2019), o secretário-geral da ONU, António Guterres, **afirmou** que, “com a escala de seus investimentos planejados, [a ICR] oferece uma oportunidade significativa de contribuir para a criação de um mundo mais equitativo e próspero para todos e para reverter o impacto negativo das mudanças climáticas”. Em 2022, a ONU divulgou um **relatório** sobre o papel da ICR chamado *Partnering for a Brighter Shared Future [Parceria para um futuro compartilhado mais brilhante]*, que observou que a ICR – ao contrário da maioria dos outros projetos de desenvolvimento – forneceu financiamento significativo para projetos de infraestrutura que podem formar a base para a industrialização em regiões que antes eram exportadoras de matérias-primas e importadoras de produtos manufaturados.

Com base nessas avaliações da ICR, o professor Tang oferece três maneiras práticas pelas quais o projeto promoveu a industrialização no continente africano: primeiro, construindo parques industriais com fontes de energia integradas e criando grupos industriais de empresas interconectadas; segundo, construindo indústrias para fornecer materiais de infraestrutura; e terceiro, priorizando a produção para os mercados locais em vez de exportação. Ao contrário das políticas do FMI que são impostas às nações africanas, o professor Tang argumenta que “a China incentiva cada país a seguir seu próprio caminho de desenvolvimento e a não seguir cegamente nenhum modelo”.

Nem Tang, nem Zhou, nem Chelwa indicam que a China é, de alguma forma, a salvadora da África. Esses dias já se foram. Nenhum país ou continente busca sua salvação em outro lugar. O caminho da África será construído pelos africanos. No entanto, considerando suas próprias experiências de construção de manufatura contra uma estrutura que reproduz a dependência, a China tem muito a compartilhar. Como possui enormes reservas financeiras e não impõe condicionalidades nos mesmos moldes que o Ocidente, a China pode, é claro, ser uma fonte de financiamento para projetos de desenvolvimento alternativos.



Zhao Jianqi (China), 回望故乡 [Saudades de casa], s.d.

Em dezembro de 2022, o presidente do Banco Africano de Desenvolvimento, Akinwumi Adesina, **afirmou** que “a prosperidade da África não deve mais depender da exportação de matérias-primas, mas de produtos acabados com valor agregado”. “Em toda a África”, continuou ele, “precisamos transformar os grãos de cacau em chocolate, o algodão em têxteis e vestuário, os grãos de café em café pronto para consumo”. Para acompanhar o ritmo dos tempos, podemos acrescentar que a África também precisa transformar o cobalto e o níquel em baterias de íon-lítio e carros elétricos, e transformar o cobre e a prata em smartphones. Dentro da declaração de Adesina está o sonho de Nkrumah: como ele escreveu em 1963, temos aqui, na África, tudo o que é necessário para nos tornarmos um continente poderoso, moderno e industrializado.

Cordialmente,

Vijay.